

# DOS ESPAÇOS DO CORPO AO CORPO NO ESPAÇO: LITERATURA E CULTURA

É com satisfação que publicamos o Dossiê “Dos espaços do corpo ao corpo no espaço: literatura e cultura” para o volume 2, nº 25 da Revista de Estudos Literários – Revell, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

Os recentes estudos sobre o corpo revelam a complexidade desse que é, antes de tudo, uma incógnita. Descrevê-lo é lidar com a experiência de ser corpo, um organismo que ocupa um lugar e vive uma experiência. Esse corpo pensa e sente. Esse corpo escreve e é inscrito na cultura. Não se aparta da história porque é fruto da história; seu tempo é seu silêncio; seu espaço é seu grito. Na literatura, o corpo é a expressão de uma linguagem, de um gesto, de uma experiência. Ocupar o espaço desenhado na palavra é sair do anonimato e ganhar a linguagem. É na literatura que esse corpo-cultura se apresenta como palavra a ser lida e inscrita na experiência do leitor.

Os artigos deste Dossiê apontam para vários desenvolvimentos dessa proposta e, nesta edição, se articulam em núcleos de interesse. Cada um deles compartilha com o leitor um traço desse corpo estranho e familiar, que desafia e ecoa sua história e suas potencialidades.

A seção **Corpo e interseccionalidade** reúne artigos que exploram, na análise de seus objetos literários, elementos de ordem social e cultural, em posição de submissão e de resistência. Assim, o artigo de Julieta Karol Kabalin Campos e Katia

Viera Hernández, “Sujetos racializados en La(s) Habana(s) de Pedro Juan Gutiérrez y Ahmel Echevarría”, analisa na narrativa romanesca as representações literárias e culturais dos corpos sob a lógica colonial moderna. Antônio Batalha e Josalba Fabiana dos Santos, em seu artigo “As doenças e os corpos dos escravizados doentes falam em *A menina morta*, romance de Cornélio Penna”, procuram investigar a possibilidade de os corpos e as vozes dos oprimidos poderem ser vistos/ouvidos a partir da compreensão das enfermidades e suas metáforas. O artigo de Roniê Rodrigues da Silva e Natã Yanez de Oliveira Rodrigues de Melo, “A estrangeiridade dos corpos sem órgãos no conto abreuliano”, tece reflexões que buscam analisar, no conto de Caio Fernando Abreu, a representação dos corpos das personagens masculinas sob a ótica da teoria dos filósofos Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michael Foucault. Por fim, a proposta de Pauline Champagnat, em “A representação da mulher na construção da nação moçambicana em *O alegre canto da perdiz*”, recai no enfoque sobre a compreensão dos mecanismos imagético-estilísticos que atuam no processo de construção da identidade nacional moçambicana, a partir de uma apropriação, pela literatura, da voz do passado colonial, sob uma perspectiva feminina e descolonial.

A seção **Corpo feminino e representação** propõe um rol de oito artigos que contemplam, entre poesia, romance e conto, analisar as formas (imagísticas, históricas e culturais) pelas quais, poética e literariamente, se fazem representar o corpo feminino. O artigo de Érica Patrícia Rodrigues de Sousa, “Corpos subalternos: domínio e opressão dos corpos de mulheres angolanas na poesia de Paula Tavares”, a partir da tríade “gênero, corpo e sexualidade”, volta-se à compreensão das representações de mulheres em processos diversos de anulação da autonomia sociopolítica e afetiva, em termos dos comportamentos naturalizados e estabelecidos para mulheres e homens na sociedade angolana. Ainda no contexto do continente africano, o artigo de José Ricardo da Costa, “*A casa da água*, de Antonio Olinto: mitos e corpos femininos no espaço da diáspora africana”, evidencia, no romance do autor mineiro, a figura da matriarca como elemento fundamental “à descolonização

dos países africanos e à reorganização das sociedades que surgiram e resistiram a partir dos escravizados e seus descendentes”, reportando-se à memória das imagens de deusas e rainhas da cultura orixaísta. O universo da Baixa Idade Média e da Modernidade, a partir do conceito de “mística cortês (mystique courtoise ou minnemystique) influenciada pela tradição do Amor Cortês dos séculos XI ao XII”, é o foco de atenção do artigo “Hadewijch d’Anvers e Elizabeth B. Browning ao encontro do bem-amado: uma análise comparativa da mística feminina na baixa Idade Média e na Modernidade”, de Maria Leticia Macêdo Bezerra, Yasmin de Andrade Alves. Já o artigo de Érica Schlude Wels, ““Daquele filho vinha-lhe todo o bem e todo o mal’: o ideal de abnegação materna em *A caolha*”, explora, na obra de Júlia Lopes de Almeida, a imagem grotesca do defeito físico da personagem como metáfora da condição de opressão vivida pela mulher em termos dos protótipos de maternidade e sexualidade, sujeitos à corrente positivista na época. O artigo “Corpo da mulher, corpo do poema: metamorfoses de Luiza Neto Jorge”, de Carolina Alves Ferreira Abreu, volta-se à discussão dos estereótipos condicionantes femininos e, analiticamente, propõe uma leitura com base na ruptura com tal pensamento hegemônico a partir da poesia da autora portuguesa. No contexto ainda da resistência ao policiamento e ao controle, o tema da visibilização do poder do corpo da mulher e dos abusos e torturas sobre os corpos é foco do artigo de Alessia Di Eugenio, “Literatura, autoritarismo e corpo das mulheres: a ditadura brasileira através dos romances de Heloneida Studart”, que evidencia, na obra da autora, um olhar para a construção de uma memória feminina sobre o período de autoritarismo da história brasileira. O estudo das personagens femininas, nas obras da autora brasileira Clarice Lispector e da nigeriana Chimamanda Adichie, é o assunto do artigo de Luana Silva Borges, “Entre a reinvenção do passado e o possível futuro: o feminino em trânsito em *Hibisco roxo*, de Chimamanda Adichie, e em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”, cuja análise explora a problemática que envolve a existência das personagens e seus deslocamentos e, no percurso, a ressignificação de suas próprias vidas. As considerações sobre o corpo da personagem feminina a partir da sua experiência da repressão patriarcal estão presentes no artigo “Creeping into freedom:

woman's body in "The yellow wallpaper", by Charlotte Perkins Gilman", de Leticia Rocha Duarte e Cynthia Beatrice Costa, que procuram explorar na performance da personagem as relações entre o controle do corpo e o controle da mente; e os modos como a personagem usa a mente para libertar-se desse controle.

A seção **Corpo e educação** revela-se especial no alcance da pesquisa em contexto escolar sobre os modos como crianças e adolescentes têm sua representatividade evidenciada pelo outro e por elas mesmas. O artigo "Meninos negros na literatura infantil e juvenil: corpos ausentes", de Débora Cristina de Araújo, Geane Teodoro Damasceno e Regina Godinho de Alcântara, concentra-se no contexto da literatura infantil e juvenil para questionar em que nível a representatividade do menino negro tem sido apresentada no mercado editorial brasileiro. Já o artigo de Vanessa Goes Denardi, Carolline Septimio Limeira e Letícia Carneiro da Conceição, "(Des)alientação dos corpos desviantes: a dialética da in/exclusão e seus desdobramentos no contexto escolar", propõe, a partir da leitura da obra "O alienista", de Machado de Assis, um caminho de compreensão dos modos como o enquadramento social constrói a segregação de corpos considerados desviantes em ambiente escolar. Com o enfoque voltado para uma ferramenta de publicação temporária do *Instagram*, o *Stories*, a cultura digital e as formas de autorrepresentação dos jovens, o artigo de Douglas Pereira da Costa, "Escritas de si juvenis em *Stories* do *Instagram*: espaço virtual, virtualização do corpo e cultura digital", procura compreender a complexidade da versão digital dos diários de jovens escritos à mão.

O corpo em sua relação com o espaço - urbano ou marítimo, idílico ou imanente, privado ou público - guia as diferentes reflexões da seção **Corpo e espaço: trânsitos e memória** que consideram os deslocamentos das personagens em sua dimensão social, identitária e ontológica. O artigo de Stefania Chiarelli, "No meio do mar, em meio às terras: representações da migração contemporânea", aborda a questão das migrações contemporâneas dentro do espaço marítimo, problematizando a água como lugar de segregação, a partir da análise dos longas-metragens *Bem-*

*vindo* (2009, Philippe Lioret) e *Terra firme* (2011, Emanuele Crialese). Partindo de uma perspectiva cartográfica acerca da noção de espacialidade narrativa, Marcelo Branquinho Massucatto Resende, em “Cartografando a São Paulo de Cassandra Rios: entre espaços urbanos e de circulação em *Mutreta* (1971)”, estabelece relações entre os espaços frequentados pelas personagens do romance *Mutreta* (1971), os espaços de circulação das obras de Cassandra Rios e da própria escritora dentro do cânone literário. O estudo “Identidade, corpo e espaço no romance *Algum lugar*, de Paloma Vidal”, de Loiva Salete Vogt, apresenta uma reflexão sobre a constituição identitária da protagonista de *Algum lugar* (2009), de Paloma Vidal. A relação entre o espaço-corpo feminino reflete uma busca de identidade marcada por mobilidade espacial e o vir à tona de uma memória afetiva. A partir da análise de algumas cartas do escritor Mário de Andrade, em “Cenas paulistas: uma vivência corporal pelos paradoxos de São Paulo”, Bruna Araújo Cunha propõe compreender a relação entre sujeito e rua, esse espaço do vivido, ao mesmo tempo físico e social. Em “O caleidoscópio espacial no romance histórico *Cabocla* (1949), de Ribeiro Couto”, John David Peliceri da Silva convoca a noção de caleidoscópio do belo para compreender e definir sua presença e recorrência discursiva na narrativa. O conceito hisrchiano de pós-memória e noções tais como pertencimento, exílio, território, servem de embasamento teórico a Thays Lima Silva para compreender o caráter intergeracional do trauma do exílio no romance de Milton Hatoum, em “Memória e pós-memória: exílio e outros traumas em “Relato de um certo Oriente””.

A seção **Corpos desviantes** tem como enfoque o caráter carnavalesco e grotesco dos corpos transgressivos ou subalternizados que resistem e se opõem aos valores e às normas sociais estabelecidos. Em “O retrato e a representação grotesca, em *Retrato de rapaz*, de Mário Cláudio”, Joana Palha observa a relação mestre e discípulo a partir da temática do retrato literário e da representação grotesca. A noção foucaultiana de heterotopia é utilizada por Silvana Pantoja dos Santos, em “Espaço-corpo e heterotopia desviante em *O remorso de Baltazar Serapião*, de Valter Hugo Mãe”, para entender o espaço-corpo como lugar de confrontação social. Já em “A

potência do reconhecimento como resistência na poesia lesboafetiva”, Gabrielle Forster analisa quatro poemas de poetisas latino-americanas expondo o caráter político da poesia de temática lésbica. O artigo de Antônio Edson Alves da Silva, “O corpo em explosão na literatura cearense: uma análise de discurso pornográfico em *A gota delirante*, de Moreira Campos”, aborda as práticas sexuais dissidentes, em um conto de Moreira Campos, através de novas categorias do discurso pornográfico propostas por Maingueneau. Em “*A fúria do corpo e sua potência grotesca: incursões no romance de João Gilberto Noll*”, Sayonara Amaral de Oliveira analisa a imagem do corpo no romance, pela ótica bakhtiniana, como modo de carnavalização utópica da existência. As imagens dos corpos desviantes de travestis, em um poema de Amara Moira, é o objeto do estudo de João Gomes Júnior, em ““Pela décima vez”: prostituição, marginalização social e o corpo das travestis em um poema de Amara Moira”.

A seção **As linguagens do corpo** reúne contribuições que se debruçam sobre o caráter performático do corpo e da linguagem que o traduz. À luz de teorias sobre a decolonialidade negra, a experiência da temporalidade, a identidade transgenérica, a necropolítica, a tradução sígnica, dentre outras, os oito artigos que compõem a sexta parte deste dossiê refletem sobre a riqueza das relações entre corpo, linguagem(ns) e performance, nas diversas expressões artísticas analisadas (prosa, quadrinística, documentário, performance corporal, e *slam poetry*). A força e o sentido do neologismo desmarginação – lacuna entre o tempo de fora e o de dentro - é o fio condutor da reflexão tecida por Iara Machado Pinheiro, sobre a tetralogia de Elena Ferrante, em “Os lacres rompidos e a terra que treme: as desmarginações de Elena Ferrante entre o corpo que colapsa e o devastador de fora”. Fabrício Lemos da Costa e Sílvia Augusto de Oliveira Holanda, em “O selvagem no corpo desfigurado de Hermógenes em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa”, buscam compreender a personagem Hermógenes – (des) figura de corpo híbrido, selvagem e informe - como representação do herói moderno passível de ser comparado à própria obra, indomesticada e inclassificável. À luz da semiótica peirceana, Wanessa

Gonçalves Silva e Luciana Wrege Rassier, em “O corpo dançante ou da tradução em Lavoura arcaica”, consideram a dança como tradução sígnica, capaz de expressar ideias, sentimentos e traços culturais, e o corpo como tradutor, por meio de suas funções mediadora e comunicativa, e de seu poder de expressão maior que o do signo linguístico. O corpo e a voz de artistas contemporâneos em performance são também contemplados por dois artigos do dossiê. Em “Violência, corrupção e poder: performance política em Berna Reale”, Joseane Maytê Sousa Santos Sousa se volta às temáticas centrais do trabalho da artista paraense Berna Reale, em cinco de suas performances corporais, sob a ótica da necropolítica e da subalternidade. Já em « Slam das Minas – Bahia: a performance poética de corpos de resistência », Natielly de Jesus Santos analisa a performance poética da *slammer* Carol Cerqueira - trabalho emblemático do coletivo Slam das Minas-BA - e ressalta o papel desempenhado por esta prática artística no processo de resistência e empoderamento da mulher negra. Em seu artigo “Nas margens do corpo e da escrita”, Terezinha Taborda Moreira observa as relações entre corpo e escrita em *Um sopro de vida* (1994), de Clarice Lispector, questionando os limites da criação literária em sua relação com a realidade representada e considerando a reelaboração estética como ato de insurgência. Ao problematizar o amor como eixo que movimenta a existência e supera a finitude, em sua leitura de dois contos de Maria Velho da Costa, Susanna Vieira, em seu artigo “Algo de inteiramente novo: a linguagem deslocada do amor na excedência do corpo finito”, considera os textos como espaço de existência do sujeito em processo de individuação e de inscrição do corpo dissemelhante em seu devir enquanto texto-corpo não finito.. No tocante ao campo quadrinístico, a tensão entre corporeidade e autorialidade é a questão central sobre a qual se debruçam Lucas Piter Alves Costa e Jean Carlos Duarte Pinto Coelho, ao analisarem os posicionamentos da cartunista Laerte no documentário *Laerte-se*, de 2017, em seu artigo “Reflexões sobre autoria e corporeidade em *Laerte-se*”.

Que os artigos do Dossiê possam ser motivadores para uma reflexão guiada pelas formas do corpo na cultura e na literatura, por meio de seus desvãos, trajetos e

silêncios; por meio de sua clandestinidade; e por meio, ainda, de suas coreografias e desejos. Tenham uma ótima leitura!

Organizadoras:

Susanna Busato – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" -  
câmpus de São José do Rio Preto

Sandra Assunção - Université Paris Nanterre